**Uma imagem com texto, símbolo

Descrição gerada automaticamenteDomingo III do Advento A 2019**

**Vou enviar à frente o meu mensageiro,**

**para te preparar o caminho!**

*Mt* 11,10

**Ritos Iniciais**

**Entrada**

P. Depois da figura feminina e acolhedora de Maria, a Imaculada, sinal da preparação radical, o Advento coloca-nos diante da figura masculina e austera de João, o Batista. O sobrenome dado a João tem uma clara razão de ser: foi ele que batizou Jesus, no Jordão. Como mensageiro que vai à frente, hoje pode iluminar o compromisso dos pais e dos padrinhos, como guias, testemunhas e companheiros, no caminho iniciado no Batismo. No dia do Batismo, foi-lhes dito: “*A vós pais e padrinhos se confia o encargo de velar por esta luz, para que os vossos pequeninos, iluminados por Cristo, vivam sempre como filhos da luz, perseverem na fé e, quando o Senhor vier, possam ir ao seu encontro com todos os Santos, no reino dos céus*” (Ritual do Batismo, n.º 64).

**Rito da Coroa**

P. Como sinal deste compromisso, acendamos a 3.ª vela da coroa do Advento, a partir da luz do círio pascal.

*Acender, a partir da luz do círio pascal, a 3.ª vela da coroa do Advento; um cântico pode preceder ou concluir este rito.*

P. Oremos:

*Esta oração pode ser feita por um ou três leitores.*

1. Senhor Jesus:

O Teu Pai tem a paciência do agricultor,

que espera o precioso fruto da terra,

e ensina-nos a prepararmos e a aguardarmos,

em alegre esperança,

a Tua vinda, o Teu nascimento,

dentro de nós, na nossa casa

e no nosso mundo.

1. Acendemos esta vela (do Batismo)

como família que espera ansiosamente

e com as melhores disposições

a chegada de um novo rebento.

O mais pequenino, que vem até nós,

será sempre o maior no meio de nós!

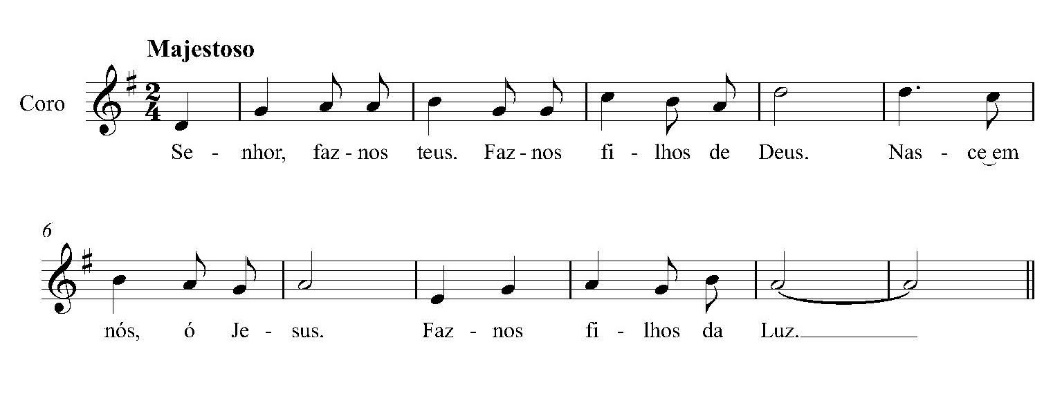
1. Senhor, queremos renovar o compromisso

de fazer da nossa família

o primeiro lugar da transmissão da luz

da fé, da esperança e do amor,

para sermos, nesta casa comum,

filhos de um Deus maior. Ámen.

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

**Homilia no III Domingo do Advento A 2019**

*“Vou enviar à frente o meu mensageiro para te preparar o caminho” (Mt* 11,10).

1. A missão de João Batista não foi outra senão a de preparar o caminho, para que o Messias se pudesse manifestar ao mundo! A palavra profética de João Batista e a sua ação de batizar eram admiráveis, mas estavam no limite de um tempo velho, no limiar de um tempo novo. O mais pequeno, que tenha a graça de viver este tempo novo, que Jesus inaugura com a sua vinda, é sempre maior do que João Batista. Porquê? Porque, apesar de João ser o *maior entre os filhos de mulher*, ele faz parte do que era antigo e já passou. Quem reconhece a Cristo, conhece o tempo novo e torna-se, pela fé, filho de um Deus maior!

2. Desta austera figura de João Batista, gostaria de propor três reflexões práticas sobre o compromisso que pais e padrinhos assumem no Batismo.

2.1. A primeira é que fazem falta, aos neófitos – isto é, à plantazinha frágil dos acabam de ser batizados – *mensageiros*, pessoas que sejam referências, indicadores de vida cristã, guias de sentido para a vida. *Não* precisam os pequeninos, na idade ou na fé, de *quem lhes prepare o caminho*, “*estendendo uma passadeira vermelha*” de facilidades, tratando-os como filhos menores, *meninos da mamã ou filhinhos do papá*, educados com um controlo remoto à mão. Precisam, sim, de mensageiros, de pais e padrinhos *que os preparem para o caminho*, que *puxem para cima*, que arrisquem tudo, que confiem neles. Enfim, que não deixem os seus filhos ou afilhados permanecerem *menores*, dependentes, mas os ajudem a crescer como *filhos de um Deus maior*. Gozar de *autoridade* significa, literalmente, isto: fazê-los crescer. De facto, não basta fazê-los nascer! Eles nasceram para renascer. Por isso, os pais são chamados, não apenas a gerar os filhos que recebem de Deus como um dom, mas também a fazê-los renascer, a colaborar com Deus na regeneração espiritual dos filhos, iniciada no Batismo. E os padrinhos são chamados a colaborar, com os pais, nesta missão, como testemunhas, guias e companheiros da fé.

2.2. A segunda é que fazem falta aos *recém-batizados* mensageiros *que vão à frente*, percorrendo o caminho que propõem, que vão a meio e dão a mão ou que vão atrás e levantam do chão. Que tipo de autoridade têm um pai, uma mãe, um padrinho ou uma madrinha, que propõem ao filho ou ao afilhado um caminho que eles próprios não estão dispostos a percorrer e a acompanhar?! Sem o testemunho, a autoridade degenera num autoritarismo ditador, que não gera *filhos de um Deus maior*, porque é comparável a um “*pavão que alisa as suas penas e torna as almas mais pequenas*” (Sophia M. Breyner).

2.3. A terceira é que este caminhar juntos, na fé e na vida cristã, exige muita paciência. Não se trata de resignação ou desistência. É este *olhar em grande*, esta visão *macro* da vida, esta grandeza de alma, própria de quem semeia na esperança e aceita o outro como ele é, mesmo quando age de modo diverso daquilo que eu desejaria (Cf. AL 92). Com realismo paciente, o pai e a mãe, o padrinho e a madrinha, sabem esperar que o filho ou afilhado cresça, segundo o seu próprio ritmo e no seu próprio caminho, como o agricultor que “*espera pacientemente o precioso fruto da terra, aguardando a chuva temporã e a tardia*” (*Tg* 5,7). A paciência é esta arte, que só o amor tem (cf. *1 Cor* 13,4), de conviver serenamente com o incompleto, o imperfeito, o parcial, sem perder de vista o bem, o ideal, o perfeito. Trata-se de aceitar o caminho lento da gradualidade, feito de pequenos passos, que mutuamente se vão acertando, corrigindo, melhorando. Por isso, dizia Agustina Bessa-Luís: “*A paciência é a última porta da sabedoria*”.

3. Vivamos o Advento como *mensageiros de esperança*, que preparam e se preparam para um caminho, iniciado no Batismo e que dura a vida inteira. Neste domingo cor-de-rosa, a espera do Advento tinge-se da cor da paciência! Só assim se geram e regeneram todos os batizados, que são chamados *filhos de um Deus maior*!

* **Proposta litúrgica para a memória do Batismo no final da Homilia**

*Depois da homilia e antes da Profissão de Fé (Credo), o Presidente recorda:*

P. Caríssimos pais e padrinhos, queridos avós, catequistas e demais educadores cristãos: vós sabeis que “*para educar uma criança é precisa uma aldeia inteira*”. Para educar na fé é preciso o envolvimento de todos os membros da Igreja. Todos fazemos falta, todos somos precisos, todos somos uma missão. No dia do Batismo, pais e padrinhos comprometem-se a fazer desenvolver o dom germinal da fé. Antes ainda de professarmos a fé, renovemos então as nossas disposições, para colaborar com a graça de Deus e na missão da Igreja, a fim de que todos os batizados possam crescer como filhos e filhas de Deus. Dizei-me pois:

Caríssimos pais: pedistes o Batismo para os vossos filhos. Deveis educá-los na fé, para que, observando os mandamentos, amem a Deus e ao próximo, como Cristo nos ensinou. Estais conscientes do compromisso que assumistes?

Pais: Sim, estamos.

P. E vós, padrinhos, avós, catequistas e demais educadores da fé, estais decididos a ajudar os pais e as famílias nesta missão?

Todos: Sim, estamos.

P. Com estas disposições, professemos a nossa fé:

R. Creio em um só Deus…

Ou

P. Com estas disposições, renovemos a profissão da nossa fé:

[Credo batismal, dialogado]

R. Sim, creio.

**Preces**

P. Senhor, Deus nosso Pai, a quem Jesus chama o Agricultor, que poda e limpa os ramos da videira, esperando, com paciência, que dêmos mais fruto, nós Vos confiamos as preces do Vosso povo, invocando:

Uma imagem com objeto

Descrição gerada automaticamente

1. Pela Santa Igreja: para que seja mensageira de esperança, abrindo caminhos novos para quantos desejam sair ao encontro de Cristo e regressar à comunhão com a Igreja. Invoquemos.
2. Pelos que governam: para que deem especial atenção aos mais pequenos, aos mais pobres, aos mais ignorados e descartados das nossas sociedades. Invoquemos.
3. Pelos pais e padrinhos e por todos os educadores cristãos: para que colaborem com a graça de Deus na regeneração espiritual daqueles que propuseram ao Batismo.
4. Por todos nós: para que exercitemos a paciência quando Deus parece tardar, quando a Igreja dá sinais de fraqueza, quando os outros não são aquilo que esperávamos e quando nós próprios vacilamos no caminho. Invoquemos.

P. Vinde, Senhor, e não tardeis. Animai os nossos corações perturbados, fortalecei as nossas mãos fatigadas e robustecei os nossos joelhos vacilantes, para renascermos e vivermos a alegria da salvação, neste Natal que se aproxima. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

Prefácio do Advento II

Oração Eucarística II

Aclamação cantada:

P. *Mistério admirável da nossa fé!*

R. *Quando comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, esperando a vossa vinda gloriosa.*

**Ritos Finais**

**Agenda Pastoral –** cf. folha dominical

**Atitudes pessoais para nascer de novo:** Dar especial atenção aos mais pequenos, aos mais pobres, aos mais ignorados e descartados. Partilhar o tempo, os bens, os sentimentos.

**Bênção**

**Despedida**

P. Não prepareis um caminho para os vossos filhos ou afilhados. Preparai os vossos filhos ou afilhados para o caminho. Sede mensageiros, que vão à frente, que vão ao meio e dão a mão ou que vão atrás e levantam do chão.

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**outros textos e homilias**

**iii domingo do advento a**

**O grande erro está em confundir prazer com felicidade**

Prazer e sentido: interessante binómio! Por vezes difícil de conjugar! Escolham. Mas com cuidado, porque neste assunto, como em muitos outros, a precipitação não é boa conselheira. O que apetece mais e primeiro não é necessariamente o melhor, nem o mais conveniente, nem o que proporciona mais qualidade de vida.

É possível que este binómico tenha algo que ver com o apreço de Jesus pelo sal e pela luz, pelo sabor e pelo sentido. Que seria da vida se faltasse um ou outro, ou os dois?

Que não se veja nestas palavras iniciais um preconceito em relação ao prazer, nem muito menos uma condenação do mesmo. O pobre prazer foi demasiado ofendido em quase todas as religiões, também na cristã. Foi apresentado como inimigo de tudo: da espiritualidade, da moral, do Evangelho… Será que é, realmente, inimigo do Evangelho? Não há uma só página nos quatro Evangelhos canónicos em que se possa encontrar uma condenação do prazer. Se não o condenam os Evangelhos, por que haveria de o condenar a Igreja? Se não o condena Jesus, por que o haveriam de condenar os seus seguidores?

O prazer é muito importante na vida. Tão importante que, se desaparecesse totalmente, desapareceriam também os ímpetos de viver. Dizia-o com muita seriedade Aristóteles. E dizia-o precisamente quanto refletia sobre a ética. O grande filósofo grego pergunta-se por que é que os prazeres mais intensos estão associados à alimentação e à sexualidade. A sua resposta é esta: porque se trata das duas atividades diretamente relacionadas com a sobrevivência do indivíduo e da espécie. Se não houvesse prazer na alimentação, colocar-se-ia em perigo a sobrevivência do indivíduo. Muitas pessoas deixar-se-iam morrer de inanição. E se não houvesse prazer na relação sexual, colocar-se-ia em perigo a sobrevivência da espécie. Não haveria estímulo para a reprodução (agora a engenharia genética poderia garantir a sobrevivência sem a relação sexual, mas seria uma sobrevivência muito desumana). O prazer está na origem de muitas motivações.

Mas o prazer tem algumas características a que convém prestar atenção. Está associado aos sentidos externos, a gratificações sensíveis. Tem lugar quando se satisfaz a apetência dos sentidos: o gosto, o tato, o ouvido, a vista, o olfato. A maior parte dos prazeres são muito pontuais e passageiros. Tão depressa chegam como desaparecem. E o mais difícil do prazer é administrá-lo bem, gerir o seu tempo e a sua medida, hierarquizar… O abuso do prazer pode provocar fastio, rejeição, falta de sentido. Extremar o prazer acaba por produzir a obnubilação da mente, deterioração da saúde, mal-estar por causa do excesso… O consumo de vinho e os banquetes pantagruélicos demonstram-no com frequência. Por isso há que afirmar que o prazer é bom, é muito importante na vida, contudo há que acrescentar: mas não em demasia.

E, sobretudo, há que encontrar-lhe o sentido.

O sentido é outra coisa. Não é superficial. Vai ao fundo da vida, de todos os aspetos da vida. E é tão importante que é como o motor de todo o viver e de toda a realização. Repetiu-se muitas vezes na história do pensamento: dá-me um por quê, e sei capaz de enfrentar qualquer para quê. A sabedoria mais clássica coloca quase sempre a prioridade no lado do sentido. Tudo o que tem sentido vale a pena, inclusive quando falta o prazer.

Como o prazer, também o sentido tem as suas características. Ultrapassa a epiderme dos sentidos externos, e funda as suas raízes nos sentidos mais internos. Aponta para uma consciência desperta, para uma atenção plena, para uma lucidez que lança luz sobre o que somos e fazemos. Diferentemente do prazer, o sentido, em geral, tem um caráter permanente e eterno. Abarca espaços e âmbitos a que apenas afloram os prazeres sensoriais. O mundo do sentido está associado às experiências estéticas, às experiências éticas, às experiências religiosas. É aí que manam as fontes mais abundantes do sentido. É aí que nos encontramos com momentos supremos da vida que não queríamos que desaparecessem, que gostaríamos que durassem uma eternidade, que fossem capazes de parar o tempo e o cosmo.

Que diz esta sociedade do bem-estar sobre tudo isto? Para começar, está muito mais interessada no prazer do que no sentido. Os analistas da cultura atual insistem em que vivemos numa sociedade abundante em ofertas de prazer e escassa em ofertas de sentido. Acontece nas sociedades do bem-estar, mas também nas sociedades do mal-estar. O ideal de felicidade que se vende nestas é o mesmo ideal que rege e governa o mundo do consumo.

É uma sociedade abundante em ofertas de prazer, que sofisticou o prazer até à saciedade. Basta ver a quantidade de sabores de iogurtes ou de gelados, ou a infinidade de aromas de ambientadores, ou a variedade de músicas, ou a constante inovação dos designs para os tornar mais agradáveis à vista, ou o esforço para oferecer móveis cada vez mais confortáveis e superfícies mais suaves. Bem-vindos todos os prazeres que ajudem a elevar a qualidade de vida das pessoas. Mas não em excesso.

Seguramente que a única motivação que move a sociedade de consumo não é a qualidade de vida das pessoas, mas o incentivo económico. Não há melhor isco para o mercado que mudar a necessidade através do desejo. Compra-se muito menos no supermercado quando o comprador vai com a sua lista de comprar. A necessidade desaparece, uma vez preenchida. Compra-se muito mais e muito mais inutilmente quando o consumidor vai simplesmente incentivado pelo desejo. O desejo nunca se sacia completamente.

Em princípio, nada há que objetar à oferta de prazer desta sociedade do bem-estar. O grande erro está em confundir o prazer com a felicidade, ou tentar convencer as pessoas de que o prazer garante a felicidade. A experiência diz que isto é um erro. São muitas as pessoas que têm todas as condições materiais para ser felizes, e a felicidade não chega. São muitas as pessoas que têm acesso aos mais sofisticados prazeres inventados por esta sociedade do bem-estar, e a felicidade não chega. Onde está a chave? Talvez não se administrem bem os prazeres, porventura não se giram bem o tempo e a medida, dando-se lugar a um fastio contraproducente. Mas a razão de fundo deve ser esta: talvez o prazer acabe por ser inimigo da felicidade quando falta o sentido da vida, dos distintos âmbitos da vida. Por isso é preocupante aquele diagnóstico da cultura atual: abundante em prazer e escassa em sentido, abundante em técnica e escassa em ética, abundante em política e escassa em mística.

Apontou bem para o problema de fundo o conhecido psicanalista Viktor Frankl, autor do interessante livro “O homem em busca de um sentido”. A tese central desta obra, e de todos os seus livros, pode resumir-se assim: «O problema fundamental das pessoas não é a falta de prazer, mas a falta de sentido. Sem prazer pode viver-se; sem sentido só resta como saída o suicídio». E acrescenta uma observação mais aguda: «À medida que a vida das pessoas está falha de sentido, mais as pessoas correm em todas as direções para preencher os vazios de sentido à base do prazer». É a corrida louca do prazer. No livro há uma frase digna do Evangelho cristão. O autor foi um sobrevivente dos campos de concentração. A frase é a seguinte: «Dos que pudemos sobreviver, só sobrevivemos aqueles que encontrámos sentido para o sofrimento».

Felicísimo Martínez, op   
In [Religión Digital](https://www.religiondigital.org/opinion/Felicisimo-Martinez-PLacer-sentido-humana-teologo-papa-francisco-consumo_0_2182581746.html)  
Trad.: Rui Jorge Martins   
Imagem: luckakcul/Bigstock.com   
Publicado em 09.12.2019

**Homilia no III Domingo do Advento A 2016**

**Mensageiros do sonho**

**1.** *“Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal”.* E podemos sonhá-la com o profeta Isaías, que nos acorda “*com brados de alegria*” e nos encoraja, na esperança de um Deus, que está aí e vem salvar-nos! E podemos *sonhar a alegria do Natal,* com a paciência do agricultor, que dilata o seu coração, até chegar o tempo maduro da ceifa! E podemos sonhar a alegria do Natal, com João Batista, que aprende a ver os sinais da vinda do Senhor, não no espetáculo mágico da força ou do poder, mas nas obras do amor, de cada dia!

**2.** Os sinais do Messias são fonte daquela alegria “*que se vive no meio das pequenas coisas da vida de cada dia*” (EG 4): quando *se* *abrem os olhos* para a luz a alguém que caminha na escuridão; quando *se* *consola alguém que sofre* a lepra da exclusão; quando se *abrem os ouvidos* aos indiferentes a qualquer grito de dor; quando *se reanimam* os que perderam toda a esperança; enfim, os sinais do Messias, estão aí, quando a Boa Nova é anunciada aos pobres! E os pobres são felizes porque o Evangelho os coloca na linha da frente, de todas as nossas prioridades. E estes pobres não são apenas os da rua, os desconhecidos. Estão em nossa casa, na nossa família, e reclamam *cuidados intensivos e continuados*, atenção e ternura redobradas, mais tempo, menos queixas e a infinita paciência do amor!

Neste sentido, a Boa Nova anuncia-se aos pobres, não tanto com *mensagens piedosas* ou *slogans comerciais*, mas com a força dos factos e dos afetos, com a eloquência dos gestos concretos e das obras do amor, que falam por si! “*O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor*” (Bento XVI, DCE 31). São Francisco advertia aos seus confrades: “*Indo, anunciai o Evangelho, com obras. E, só se for preciso, dizei alguma palavra”.*

**3.** Na verdade, o primeiro Evangelho, e às vezes o único Evangelho, que as pessoas leem, é a nossa vida, o nosso testemunho, a alegria de Deus estampada no nosso rosto, a Sua marca de amor, tatuada nas nossas mãos gastas! Mesmo em nossa casa, mesmo aos nossos parentes mais chegados, é urgente anunciar a Boa Nova, com os sinais e as marcas, que o próprio Evangelho grava em nós. E diria mais: o primeiro anúncio do Evangelho, em família, faz-se pela alegria do amor, que aí se vive. Somos chamados a construir uma família, tão bela, que ela mesma se torne *uma boa notícia*, uma resposta aos sonhos mais profundos das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos. Porque afinal todos sonham a família. E todos sonham em família: as crianças sonham guardar no coração o amor dos pais; os pais sonham dar azo e asas à felicidade dos filhos; os jovens sonham uma vida bela e feliz, para sempre; os adultos sonham colher os frutos do seu empenho educativo; os anciãos sonham uma família, em que ninguém se sinta só!

**4.** Nesta terceira semana do Advento, a figura de João Batista, o Mensageiro, que vai à frente, leva-nos a recordar que todos os membros da família são verdadeiros *“mensageiros do sonho de Deus*”. E Deus continua a enviar-nos mensageiros à nossa casa e a enviar-nos, como mensageiros, à nossa casa. Ele envia-nos anjos, ou envia-nos como anjos, a cada uma das nossas casas, como à de Maria e de José. Deus abençoa-nos, pondo ao nosso lado, ou fazendo de nós mesmos, pessoas de luz, pessoas boas que cuidam umas das outras, com amor.

**5.** Esta semana, tornemo-nos mensageiros do sonho de Deus. Preparemos cuidadosamente uma mensagem de Natal: *pessoal, inspirada no sonho de Deus, na alegria do Natal e do amor em família*. Enviemos uma mensagem bonita a quem mais precise de boas notícias. Sobretudo, que esta mensagem seja assinada por um gesto, por uma atitude, por uma obra de amor. Para que se torne realidade o que nos propomos neste tempo: «*Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal*».

**HOMILIA NO III DOMINGO DE ADVENTO A 2013 (1º esquema)**

**1.** Que fizemos nós, dois mil e treze anos depois, do “*evangelho da alegria*”? Porquê, tanto pudor e parcimónia, com a alegria, se ela é parte essencial da vivência da fé e do anúncio cristão? Porque será mais fácil instalar-se, entre os cristãos, o luto e o lamento, o queixume e a angústia, o pessimismo e o derrotismo (cf. E.G. 85), a desculpa e a acusação, do que a alegria, a felicidade, o prazer e o contentamento? Porque chegamos a uma espécie de Igreja “viúva”, *em luto permanente*, sem a alegria irradiante da Esposa de Cristo? Como conceber o evangelho da alegria, proposto por gente “*lamurienta e desencantada, com cara de vinagre*” (E.G.85) ou “*com cara de funeral*” (E.G. 10)? Porquê, na Igreja, tantas “*pessoas ressentidas e queixosas*” (E.G.3) que parecem viver “*uma quaresma sem páscoa*” (E.G. 6), um advento sem natal, uma morte sem ressurreição? Como voltar a propor este “*evangelho da alegria*” a um mundo que “s*oube multiplicar as ocasiões de prazer, mas que tem dificuldade em engendrar a alegria*” (cit. Paulo VI, *Gaudete in Domino*, in Papa Francisco, E.G. 7)?

**2.** Para voltarmos ao “*evangelho da alegria*”, teremos de tomar a peito «*a alegria do evangelho*». Isso mesmo: «*A alegria do evangelho*». Estas são as primeiras palavras da recente exortação apostólica do Papa Francisco. É a sua antecipada prenda de Natal a toda a Igreja. O documento faz tremer a Igreja, como um terramoto, que abala as falsas seguranças, mas sobretudo, faz-nos estremecer de alegria (cf. Lc.10,21). O Papa, à cabeça, diz-nos isto assim, de rajada: “*A alegria do evangelho enche**o**coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce, sem cessar, a alegria*” (E.G.1). Neste espírito, o Papa convida-nos a todos para “*uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria*” (E.G.1.)!

**3.** Obviamente, o Papa reconhece que “*a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes, muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece, pelo menos, como um feixe de luz, que nasce da certeza pessoal de que, não obstante o contrário, somos infinitamente amados*” (E.G.6) por Deus. Compreende, diz ele, “*as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades, que têm de suportar, mas aos poucos –* diz ele ainda *– é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias*” (E.G.6). Muitas vezes, sabeis, é a dor que escava em nós profundidades, que depois a alegria vai encher!

**4.** E o Papa deixa-nos o seu testemunho, que podia ser o nosso: “*Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres, que têm pouco a que se agarrar. Recordo também a alegria genuína daqueles que, mesmo no meio de grandes compromissos profissionais, souberam conservar um coração crente, generoso e simples. De várias maneiras, estas alegrias bebem na fonte do amor maior, que é o de Deus, a nós manifestado em Jesus Cristo*” (E.G.7).

**5.** E dá-nos um remédio santo para reencontrar a alegria: “*renovar hoje mesmo o meu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, tomar a decisão de me deixar encontrar por Ele, de O procurar, dia a dia, sem cessar*” (cf. E.G.3). Pois “*só graças ao encontro ou reencontro com Cristo, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e centrada sobre nós mesmos. E se alguém acolheu este amor, que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros***”** (E.G.8)? Peçamos então ao Senhor, neste domingo da alegria, «*a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas*» (cf. EN 80; cit. E.G. 9;10). Na verdade, o “*evangelho da alegria*” só pode ser anunciado com a “*alegria do Evangelho*”!

**HOMILIA NO III DOMINGO DE ADVENTO A 2013 (2º esquema)**

**1.** Que fizemos nós, dois mil e treze anos depois, do “*evangelho da alegria*”? Porquê, tanto pudor e parcimónia, com a alegria, se ela é parte essencial da vivência da fé e do anúncio cristão? Porque será mais fácil instalar-se, entre os cristãos, o luto e o lamento, o queixume e a angústia, o pessimismo e o derrotismo (cf. E.G. 85), a desculpa e a acusação, do que a alegria, a felicidade, o prazer e o contentamento? Porque chegamos a uma espécie de Igreja “viúva”, *em luto permanente*, sem a alegria irradiante da Esposa de Cristo? Como conceber o evangelho da alegria, proposto por gente “*lamurienta e desencantada, com cara de vinagre*” (E.G.85) ou “*com cara de funeral*” (E.G. 10)? Porquê, na Igreja, tantas “*pessoas ressentidas e queixosas*” (E.G.3) que parecem viver “*uma quaresma sem páscoa*” (E.G. 6), um advento sem natal, uma morte sem ressurreição? Como voltar a propor este “*evangelho da alegria*” a um mundo que “s*oube multiplicar as ocasiões de prazer, mas que tem dificuldade em engendrar a alegria*” (cit. Paulo VI, *Gaudete in Domino*, in Papa Francisco, E.G. 7)?

**2.** Para voltarmos ao “*evangelho da alegria*”, teremos de tomar a peito «*a alegria do evangelho*». Isso mesmo: «*A alegria do evangelho*». Estas são as primeiras palavras da recente exortação apostólica do Papa Francisco. É a sua antecipada prenda de Natal a toda a Igreja. O documento faz tremer a Igreja, como um terramoto, que abala as falsas seguranças, mas sobretudo, faz-nos estremecer de alegria (cf. Lc.10,21). O Papa, à cabeça, diz-nos isto assim, de rajada: “*A alegria do evangelho enche**o**coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce, sem cessar, a alegria*” (E.G.1). Neste espírito, o Papa convida-nos a todos para “*uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria*” (E.G.1.)!

**3.** Obviamente, o Papa reconhece que “*a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes, muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece, pelo menos, como um feixe de luz, que nasce da certeza pessoal de que, não obstante o contrário, somos infinitamente amados*” (E.G.6) por Deus. Compreende, diz ele, “*as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades, que têm de suportar, mas aos poucos –* diz ele ainda *– é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias*” (E.G.6). Muitas vezes, sabeis, é a dor que escava em nós profundidades, que depois a alegria vai encher!

**4.** Pois bem... neste domingo da alegria, gostaria, por fim, de vos fazer uma pergunta, como uma espécie de “*trabalho para casa*”. “*Como se vive a alegria, lá em tua casa? Como se vive a alegria na tua família? Eu diria: A verdadeira alegria que se experimenta na família não é algo superficial, não vem das coisas, das circunstâncias favoráveis... A alegria verdadeira vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos sentem no coração, e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos uns aos outros no caminho da vida. Mas, na base deste sentimento de alegria profunda está a presença de Deus, na família, está o seu amor acolhedor, misericordioso, cheio de respeito por todos. E, acima de tudo, um amor paciente: a paciência é uma virtude de Deus e ensina-nos, na família, a ter este amor paciente, uns para com os outros. Só Deus sabe criar a harmonia a partir das diferenças. Se falta o amor de Deus, a família também perde a harmonia, prevalecem os individualismos, apaga-se a alegria. Pelo contrário, a família que vive a alegria da fé, comunica-a espontaneamente, é sal da terra e luz do mundo, é fermento para toda a sociedade*” ***(Papa Francisco, Homilia, 27-10-2013)***.

Queridas famílias, vivei sempre a alegria do Evangelho, para anunciardes, a partir da vossa casa, o evangelho da alegria! E a alegria e a paz encherão de luz a vossa casa, como um farol, cada vez mais iluminado e iluminador!

**HOMILIA NO III DOMINGO DE ADVENTO A 2010**

“Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria, o Senhor está perto!”

(Antífona de entrada – cf. Fil.4,4-5)

**1.** Não soa estranho, nem a “ouvidos de mercador”, este convite à alegria, numa sociedade que parece tão apostada em promover a nossa «felicidade»! Alias, a «felicidade» tornou-se, hoje, numa espécie de stress, uma obrigação continuamente confirmada pela publicidade, num mundo em que o otimismo serve, sobretudo, para induzir ao consumo! Veja-se como um outdoor, de certa superfície comercial (IKEA – MAR SHOPPING), nos seduz com esta fórmula da felicidade: «Natal a mais, nunca é de mais»! Cria-se assim um desejo insaciável de felicidade, a ponto de levar a pessoa a não se contentar jamais com o que tem! Tenta-se mesmo fazer crer que a felicidade se pode atingir a baixo preço e por breve tempo! Só que depois vemo-la fugir-nos das mãos a troco de nada, sendo necessário reconquistá-la desde o início! E - todos o sabemos - quanta tristeza profunda está por trás de uma alegria superficial e falsa, artificial e passageira! A nossa alegria não será autêntica, até que deixe de apoiar-se em coisas, que a qualquer momento, nos podem ser arrebatadas e destruídas!

**2.** O que ressoa, com maior estranheza, aos nossos ouvidos, nas palavras que escutámos, não é, portanto, o desafio da alegria! O que é radicalmente nova é a relação indissociável entre Deus e a alegria! Nas palavras do profeta Isaías e do Apóstolo Paulo, a alegria cresce à medida que Deus aparece! Deus, que nos ama e chama a si, é a fonte primordial, a causa primeira, a verdadeira razão do ser e do acontecer de uma alegria maior, que se guarda e resguarda no nosso coração: «Exultai de alegria: o Senhor está perto»! A verdadeira alegria está, portanto, no Senhor, e fora d’Ele não pode haver nenhuma!

**3.** Isto sim, é que é novo, num tempo, como o nosso, que se atreveu a promover uma campanha ateia, de modo a publicitar, em autocarros, esta frase: “Provavelmente Deus não existe: deixa de angustiar-te e goza a vida». Trata-se aqui de um velho preconceito, segundo o qual a alegria e a fé em Deus não podem existir ao mesmo tempo. Ou uma, ou outra! Ora, a alegria é uma palavra-chave do léxico cristão. Da alegria inicial da Criação, até chegar à alegria, sem sombras, do Apocalipse, toda a Escritura nos diz que Deus é a alegria infinita! É próprio de Deus dar alegria. Deus é o multiplicador da alegria e o cristão é o homem da alegria multiplicada! E, no entanto, aqui está a razão mais invocada para abandonar a Igreja, suspeita de se tornar inimiga da alegria, uma instituição perita em “desmancha-prazeres”!

**4.** “Este é um sinal dos tempos que deve constituir, para nós cristãos, um desafio urgente: Mostrar e viver que a infinitude (a alegria, a felicidade) de que o homem precisa só pode vir de Deus. Temos de mostrar que é de Deus, que precisamos em primeiro lugar, para poderemos resistir às dificuldades deste tempo” (cf. Bento XVI, Luz do mundo, 68) e encontrarmos a alegria maior! Nós os cristãos, sabemos que Deus é alegria infinita, goza da criação, faz festa no céu, quando um só pecador se arrepende! Por isso, nós sabemos, sentimos e dizemos, que a verdadeira alegria nunca chegará, se não for recebida por participação na alegria de Deus, se não for Cristo a oferecê-la! E ainda assim, não é uma alegria espetacular ou mirabolante, de sucesso em sucesso, como esperava João Baptista. É uma alegria interior, que se manifesta em sinais simples de bondade e misericórdia. E não devemos esperar outra! Aliás, fora da alegria, não temos outro modo de testemunhar autenticamente a nossa fé. Por isso, quem não aprendeu a estar contente na terra, não poderá sequer chegar ao céu! No reino dos céus, a alegria é a nossa verdadeira ocupação!

(pode terminar aqui a homilia)

**5.** Queridos irmãos e irmãs: Neste contexto de crise global, talvez nos interroguemos, por último, sobre que alegria podemos ainda esperar e como verdadeiramente a encontrar?! Permito-me deixar-vos, algumas sugestões, para um caminho simples da alegria:

**1º** Busca sempre o rosto desse Deus, que te procura, ama e chama! E encontrando-O, conhecerás a alegria! A grande alegria vem do facto de existir o grande amor de Deus por ti: Tu és alguém que é indefetivelmente amado. Deves estar contente com Deus! Deus é a tua alegria! E tu és a alegria do teu Deus!

**2º** Procura gozar a alegria das pequeninas coisas, porque toda a alegria, pequena ou grande, vem sempre de Deus e volta para Ele. Não esperes, pois, pela alegria dos números, dos bons resultados, mas acolhe e escolhe uma alegria praticamente invisível, modesta e humilde, não barulhenta, nem invasora! Doutro modo, tornar-te-ás um «analfabeto da alegria»! Sê feliz, e já!

**3º** Procura a alegria do dever cumprido, a alegria do bem feito! E ama o que fazes! Mesmo se te custa tanto fazer bem o bem, que é preciso fazeres! Como é belo fazeres o bem, sem uma razão especial, mas simplesmente porque o bem é uma recompensa para o próprio bem e porque é maravilhoso fazê-lo!

**4º** «Semeia com lágrimas, para recolheres com alegria» (Sal.126,5)! O ponto mais alto da tua alegria é estares com Cristo, na cruz. A cruz, a dor vivida por amor, é a prova de garantia da alegria, que não é uma coisa tola, nem um dom natural!

**5º** Por último, diria, vive a alegria do serviço! E deste modo, torna-te servidor da alegria! “Eu dormia e sonhava que a vida era alegria! Acordei e verifiquei que a vida era servir. Servi e descobri que servir era alegria” (Tagore)!

**TÓPICOS DA HOMILIA - MISSA COM CRIANÇAS III ADVENTO A 2010**

1. Falávamos, há oito dias, dos frutos, que João Baptista nos exigia e que nós queríamos colocar na árvore de Natal.
2. Agora é o próprio João Baptista que está na prisão… só e triste, e que não vê os frutos da sua missão… Nada mudou a olhos vistos! Ele não conhece nem reconhece «as obras do Messias». Ele está desapontado, desiludido com tão pouco… Afinal Jesus é bem diferente do que pensava. E a sua «obra» vai muito devagar!
3. Ele tem de aprender a paciência do lavrador:

“Vede como o agricultor espera pacientemente  
o precioso fruto da terra,  
aguardando a chuva temporã e a tardia”,

1. Ele tem de conhecer o segredo do agir de Deus. E saber que os frutos nem sempre são colhidos por quem semeia. E que Jesus não é «uma caixa automática», nem uma varinha mágica, que nos resolve todos os problemas…
2. A este propósito gostaria de vos contar uma história…

Um jovem sonhou que estava numa loja.

Quem estava ao balcão era um anjo.

O jovem perguntou:

*- Que vendeis aqui?*

O anjo respondeu:

*- Tudo o que desejares!*

O jovem começou a pedir:

- *Quero o fim de todas as guerras…*

*As espadas convertidas em relhas de arado e as lanças em foices.*

*Mais justiças para os explorados, tolerância e generosidade*

*para os imigrantes estrangeiros; trabalho para os desempregados,*

*honradez para os políticos, mais união entre os povos,*

*uma comunhão mais real na Igreja e…*

(…)

E o anjo interrompeu:

*Lamento muito.*

*Aqui não vendemos frutos.*

*Aqui só vendemos sementes!*

1. Vedes: Jesus apenas deu início a um mundo novo… deixou-nos as sementes… Este mundo novo começa de maneira discreta e “invisível” em cada um de nós, no mais íntimo do nosso coração… sem o aparato das grandes mudanças… Constrói-se devagar!
2. Estamos a poucos dias do Natal. E esta semana cabe-nos, no cabaz de natal, um fruto muito precioso: a alegria! Mas este é um fruto que não se compra nem se vende; não se embrulha nem desembrulha. Nós talvez esperemos viver uma alegria diferente, barulhenta, divertida, com as prendas de natal, as festas de família! Mas olhai: essa alegria dura tão pouco. Não enche nem preenche o nosso coração.
3. Só onde Jesus está, só aí é que há verdadeira alegria! É uma alegria, que ninguém nos pode tirar, porque está no coração, vem de acolhermos Jesus e de fazermos bem o bem! Se deixarmos Jesus «frutificar em nós»… como frutificou no seio de Maria… (Ele é que é o fruto bendito!) então podemos conhecer a mesma alegria, com que Maria cantava e louvava a Deus, dizendo: a minha alma alegra-se no Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador!

**Homilia no III Domingo de Advento A 2007**

**1.** Há afinal uma grande escuridão, na cela e no coração de João Baptista. Esse mesmo João Baptista, que ouvíamos, há oito dias, cheio de garra e de certezas, a anunciar com paixão de fogo a chegada iminente do Messias, está agora, só e apagado, na prisão, confuso quanto ao acerto da sua própria missão! Atado de pés e mãos pelo poder romano, João Baptista parece, e aparece em face da opinião pública, como o primeiro grande derrotado da causa de Jesus! Neste desânimo profundo, João remete a Jesus uma pergunta, que é sintomática, do seu enorme “desapontamento” com o “fraco” desempenho de Jesus: “*És Tu o Messias, ou devemos esperar outro*”?

**2.** Na resposta, Jesus esclarece as suas dúvidas: Sim. É Ele o Messias, mesmo se os sinais são bem discretos e se destinam apenas a guiar os sentidos, para a verdadeira fé no Messias: “Ide dizer a João o que vedes e ouvis: *os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres*”. Por outras palavras, «*onde Jesus chega, os homens encontram um novo olhar, iniciam um novo caminho, uma vida limpa; onde o reino de Deus começa, dão-se ouvidos aos que não têm voz. E quando a Boa Nova chega ao coração do homem, dá-se uma volta inteira à própria vida*»!

**3.** Talvez tudo isto pareça ainda muito pouco, aos olhos apagados de João Baptista. “*É afinal isto, tudo o que o Messias tinha para nos dar*”? Se veio Jesus e nada mudou, de concreto, na organização injusta do mundo! Se veio Jesus e continuou a ambiguidade, o poder dos mais fortes! Se veio Jesus e permanecem os conflitos entre homens e povos! Se veio Jesus e nenhuma mão de ferro pôs ordem no mundo! Como Deus se mostrava, em Jesus, tão diferente daquilo que João tinha imaginado!Não veio nenhum fogo do céu, para castigar os pecadores e reconhecer definitivamente os justos. Porque se faz tanto esperar a hora de Deus? Porquê, meu Deus?!

**4.** E nós prolongamos a pergunta, em termos algo semelhantes: “És tu ou não, ó Cristo, a salvação do nosso mundo? Já chegaste? Se conTigo não chegou o admirável mundo novo?! Jesus continuará a responder-nos: “Feliz aquele que não encontrar em mim, motivo de escândalo”. Feliz daquele que não exige sinais estrondosos, nem certezas absolutas, nem soluções mágicas, nem receitas instantâneas, para mudanças aparentes, nem forças esmagadoras da liberdade. Feliz aquele que segue, pacientemente, pelo seu caminho de trevas, com fé e amor!

Talvez Jesus até nos possa esclarecer um pouco mais e dizer-nos assim: «Sabes, o meu Reino apenas começou em Mim, mas quero construí-lo para ti, contigo, jamais sem Ti, por cima de Ti ou contra Ti. Por isso, o presente vivido é apenas o tempo da “grande paciência” de Deus, com a tua extrema lentidão, com os recuos e recusas do teu coração! Sabes bem: nenhuma revolução muda o mundo, se a Tua conversão a Mim, não te mudar a ti»! Numa palavra: Jesus veio apenas lançar as sementes do Reino. Agora, é preciso aprender do semeador, “*a esperar com paciência o precioso fruto da terra, aguardando a chuva temporã e a tardia*” (cf.2ª leitura). Esta foi certamente a última missão pedida ao Baptista na sua pri­são: que fosse feliz na aceitação paciente e humilde, e sem reticências, da som­bria vontade de Deus.

**5.** Queridos irmãos: Aprendamos de João Baptista o segredo do Natal. Não podemos “ver” a Deus, como vemos uma árvore ou uma luz intermitente do Natal, que se reconhecem sem qualquer esforço. Só podemos ver a Deus, se nos tor­narmos semelhantes a Ele, se nos colocarmos ao mesmo nível, renunciando a tudo o que Lhe é contrário. Só podemos ver a Deus se começarmos a desviar a nossa atenção do que é visível, para amar o que é invisível. Só assim encontraremos a Luz do Senhor, que sustenta a nossa vida. E todo aquele que durante a vida não for sinal dessa presença já começada, em vão procurará a Deus!

(6). Irmãos: Na “escuridão de Deus”, a oração é já um belo exercício de esperança. Apetece-me, no silêncio do coração, rezar assim:

*(pode ser feita pelo Presidente ou por um leitor; pode substituir Oração dos Fiéis)*

(1) Senhor, nós Te damos graças, por João Baptista,

por quem preparaste o caminho para o teu Filho

e manifestaste o cumprimento das Escrituras.

(2) Nós Te suplicamos por nós e por todos aqueles

cuja visão da fé está escurecida pela dúvida ou pela desesperança

e sentem, como nós, vacilar os seus passos,

ou levam uma vida envenenada pela tristeza!

(3) Nós Te suplicamos que cures a lepra do pecado

que desfigura o rosto da Humanidade

e deturpa realmente o homem e a sociedade:

(4) Cura-nos do orgulho e do egoísmo,

que geram em nós indiferença, ódio e violência.

porque só Tu, ó Deus, és Amor e podes curar-nos.

(5) Senhor, abre-nos o coração a Ti, converte-nos ao Teu Amor!

Que o teu Espírito Santo nos inspire as palavras e os gestos

capazes de nos abrir à Tua presença!

**Homilia no III Domingo de Advento A 2004**

*Que alegria, quando nos disseram:*

*Vamos até Belém, à Casa do Pão.*

*Sigamos os caminhos da Família de Nazaré!*

**1.** Neste terceiro domingo, a *alegria* toma conta do nosso coração, pois já se vislumbra, no horizonte da nossa caminhada, a Luz do Presépio de Belém. Os sintomas de cansaço são vencidos pelos sinais de esperança. As palavras do Profeta são um belo «*empurrão*», a animar o nosso coração, para prosseguirmos com alegria a nossa aventura até Belém, à Casa do Pão: «*Fortalecei as mãos fatigadas e robustecei os joelhos vacilantes. Dizei aos corações perturbados: "Tende coragem, não temais: Aí está o vosso Deus. Ele próprio vem salvar-vos*”»!

**2.** Este é um desafio pertinente, em primeiro lugar, para *os casais*, que, num ou noutro tempo, dão sinais de crise e de cansaço! A inércia da vida, com os seus frenesins e aborrecimentos, o cansaço da convivência; o facto de cada um vir a ser, para o outro, mais cedo ou mais tarde, uma desilusão; a acumulação de tensões e desatenções… tudo isto pode acabar por fazer esquecer o essencial: a beleza e a graça, que é isto de vos quererdes tão bem, de viverdes juntos, de pordes os filhos no mundo e de os lançardes na vida!

O amor que vos levou ao Matrimónio não se pode reduzir às emoções de uma «*época alta*»; não é só uma atração que o tempo corrói. É uma alegria, que se completa na dor e no sacrifício. «*Sede pacientes e fortalecei o vosso coração*», exortava São Tiago. Conservai a beleza do vosso amor e *perseverai* na vossa vocação! Acreditai: não se trata, entre vós, apenas e só de um problema de relações humanas, que podem ser motivo de felicidade ou de tormento; trata-se de atravessardes os vossos *dias e noites* com a certeza da **presença do Senhor**, que está no vosso meio e joga a vosso favor: *“Eis, aí está o vosso Deus. Ele próprio vem salvar-vos*”. Trata-se de, com **humilde paciência**, tomardes todos os dias a própria cruz, com a satisfação de poderdes fazer frente, às vossas responsabilidades, pela graça de Deus. Cuidando de todos, começai por cuidar de vós próprios. Procurai, ainda que a custo ou à força, alguns momentos de liberdade, de tempos e diálogo a sós, de serenidade, de repouso, de oração. Pedi a colaboração dos filhos e promovei a ajuda mútua entre todos, de modo a levarem com alegria e generosidade, os fardos uns dos outros!

**3.** Mas esta palavra de alegria e de confiança, no meio da fadiga, é particularmente oportuna na vossa tarefa de *pais e educadores* que, a certa altura, poderá levar-vos a**o desfalecimento**. A colaboração que os pais possam oferecer à alegria dos filhos, é educação cristã. Mas a Educação cristã é o **paciente e tenaz trabalho** que prepara o terreno para o dom da alegria de Deus. Também aí São Tiago parece dizer-vos: “*Esperai com paciência. Vede como o agricultor espera pacientemente o precioso fruto da terra, aguardando a chuva temporã e a tardia. Sede* ***pacientes****, vós também, e* ***fortalecei*** *os vossos corações*”.

**4.** Caríssimos casais, caríssimos pais. Irmãos e irmãs:

Para encontrardes, celebrardes e saboreardes esta alegria, começai por serdes muito fiéis à vivência cristã do Domingo: é o **dia do repouso, da alegria**, da celebração de aniversários, do convívio, do diálogo entre os esposos e entre pais e filhos, da **solidariedade com os mais pobres e os sós. Mas o Domingo é também** o dia da «**Igreja doméstica**», em que, à volta da Eucaristia, são purificados e **reforçados os laços do vosso amor e da unidade familiar**. Assim o Domingo será, para o casal e para a família, uma fonte de permanente renovação do amor, que **impedirá o desgaste, o cansaço e o desencanto.** (cf. CEP, A Família, esperança…, n. 32).

*Digo-vos estas coisas para que a alegria do Senhor esteja em vós e a vossa alegria seja completa! (cf.Jo.15,11)*

**Homilia no III Domingo de Advento A 2001**

**1.** Se não te importas, João Baptista, vamos continuar a conversar. Não sou teu advogado de defesa, como sabes, nem tu precisas. Mas também não estou aqui propriamente para te acusar. Precisava era de esclarecer algumas dúvidas contigo, porque, pelos vistos, não sou o único a tê-las. Até tu, meu caro profeta, as tiveste, depois de tantas certezas. Andaste, do deserto ao rio, a apregoar a chegada do Messias, e foste parar ao calabouço da prisão. Anunciavas o dia da ira de Deus e foste a primeira vítima da maldade dos homens. Prometias a grande machadada na sociedade dos indolentes e é ver-te, homem recto, com a cabeça a prémio por causa de uma Mulher. E agora, claro, com a faca ao pescoço, entre a espada e a parede, começaste a pensar se não te terias enganado. E mandaste, sem papas na língua, o respectivo recado a Jesus: «*És tu Aquele que há-de vir ou devemos esperar outro*»?

**2.** Então como é, João Baptista? Sinto-me perplexo e devo uma resposta ao Povo de Deus. É que eu apresentei-te, no início do Advento, a toda esta gente como sentinela desarmado. O primeiro a descortinar os sinais da presença e da vinda do Messias. Disse mesmo que tu eras uma espécie de torre de vigia, a acordar-nos para a esperança, a exigires a mudança. E qual não é o meu espanto, ver-te agora, aí, duvidoso e incerto, desatinado e surpreendido, na prisão! Herodes tirou-te depressa o pio, e estás a passar – eu sei - por uma imensa noite escura, de injustiça, de derrota, de silêncio. Apetece-me, por isso, repetir-te a pergunta do teu venerável antecessor: «Sentinela*, que vês na noite? João, que vês na noite».*

**3.** Espero a tua resposta. E parece-me ouvir de novo a voz de todos os profetas, de entre os quais tu és, sem dúvida o maior, porque o mais próximo de acertar a data da promessa, com o dia do seu cumprimento. Profetas que falaram do Messias, montado num jumentinho, do Messias Servo e Sofredor, do Messias pobre e humilde. Nada de espectacular. Deus é mesmo ao avesso das nossas imagens. A resposta de Jesus devia ainda ter-te desconcertado mais: «*os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres*». Oxalá João Baptista não tenhas ficado *escandalizado com tão pouco!* Em vez de um Deus «*todo-poderoso*», Jesus revela-se um Deus «*rico em misericórdia*»! Em vez de uma superpotência divina, que «*cortasse a eito»*», manifesta-se uma bondade que resiste a toda a prova! Em vez de uma *prepotência*, que esmagasse o inimigo, revela-se uma compaixão que se verga diante do fraco! E o pior, é que por causa dessa paciência divina toda, tu estás a passar essa noite escura. Mas, não te entristeças, João Baptista. É por causa dessa escuridão, nas grades da prisão, que dizem seres tu a grande testemunha da Luz...

**4.** Sabes, João Baptista, também nós, ao fim de todo este tempo, damos sinais de cansaço. Andamos já desconfiados das promessas, que Deus fez. Alguns já sonham com outros Messias, feitos por medida. Há muito hoje quem pergunte se é mesmo a sério que «Deus veio salvar-nos» e trazer-nos o «reino do prazer e do contentamento», «o fim da dor e dos gemidos»? Parece que o mundo desmente tudo. E a paciência começa a esgotar-se. Dois mil anos não chegaram para pôr isto na ordem? É isso que dizem os que querem ver sinais. E eu estou contigo a aprender a ver no escuro. E a aceitar a humildade dos pequenos sinais, das pequenas alegrias, dos pequenos gestos de bem e de verdade. E parece-me ouvir-te dizer que «o Filho de Deus, que encarnou há dois mil anos por amor do homem, continua também hoje em acção». E que «devemos possuir um olhar perspicaz para a contemplar, e sobretudo um coração grande para nos tornarmos instrumentos dela» (N.M.I. 58).

**5.** Confia e espera - dirás tu. «Vive feliz. Pensa que estás nas mãos de Deus, tanto mais fortemente agarrado, quando mais decaído e triste te encontrares. Vive em paz. Faz que brote, e conserva sempre, no teu rosto, um doce sorriso, reflexo daquele com que continuamente o Senhor te olha e ama. E, no fundo da tua alma, coloca, antes de mais nada, como fonte de energia e critério de verdade, tudo aquilo que te encha da paz de Deus. Lembra-te: tudo quanto de deprimir e inquietar é falso. Isso to asseguro, em nome das leis da vida e das Promessas de Deus. Por isso, quando te sentires pesado e triste, adora e confia» (T. Chardin). Mostra a todos o teu rosto iluminado. O seu brilho manifestar-se-á tanto mais claramente, quanto mais escura for a noite! O teu sorriso é a manhã que acaba de nascer!

H**OMILIA NO III DOMINGO DO ADVENTO A 1998**

**1.** «*És tu Aquele que há de vir ou devemos esperar outro*»? Na prisão, o Baptista ouve falar das obras de Jesus. Pelo que dizem, nada de especial! Não caiu o regime. Não foram presos os criminosos. Não houve libertação de presos políticos. Não há notícia de aumento de reformas... sociais. Chegou o Messias e tudo na mesma. Poderes instalados. Justiças adiadas. Afinal o «Deus Todo-Poderoso» não passará de um Mestre compassivo! Terá pensado João. Neste desapontamento, cresce a dúvida do Baptista, impaciente com tanta lentidão, na aplicação das medidas revolucionárias: *será este o Messias ou devemos esperar outro?*

**2.** A resposta de Jesus devia ainda desconcertar mais o prisioneiro de combate! «*Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres*». Sinais humildes da misericórdia. Oxalá João Baptista não fique *escandalizado com tão pouco!* Porque em vez de um Deus «*Todo-Poderoso*», Jesus revela um Deus «*rico em misericórdia*»! Em vez de uma superpotência divina, que «*queimasse toda a palha*», uma bondade que resiste a toda a prova! Em vez de uma prepotência, que esmagasse o inimigo, uma compaixão que se verga diante do fraco! Em vez de uma triunfal manifestação de poder, uma aparente fraqueza, que se deixa crucificar! É, todo ao avesso da cabeça do Baptista, o coração do Messias prometido...

**3.** A pergunta do Baptista repete-se no nosso protesto, face ao drama do sofrimento ou diante do enigma do mal. Porque não atua Deus, se pode? Porque não dá cabo da injustiça, se tem todo o poder para isso? Porque se cala Ele e se deixa matar, quando afinal teria poder para facilitar a sua e a nossa missão?

*Deus é Todo-Poderoso*. É verdade. Mas só o é, na medida em que nada deste mundo pode mais que o seu Amor. As coisas e as pessoas existem, porque, do nada, Deus as chamou à vida. Mas, jamais Deus governa o mundo, passando por cima dele. Ele governa «*em diálogo*», respeitando a natureza das coisas e reclamando sempre o consentimento livre dos homens. Não é o «*manda-chuva*», que decide tudo como lhe apetece! *Mas faz tudo o que lhe apraz*. E outra coisa não lhe apraz senão amar. De modo que nada e ninguém pode mais que este amor!

**4.** Eis porque «*frente à liberdade humana, Deus quis tornar-se impotente. E pode dizer-se que Deus esteja a pagar pelo grande Dom concedido a um ser criado à sua imagem e semelhança. Deus permanece coerente frente a semelhante Dom*»[[1]](#footnote-1). Não desiste de nos querer e criar livres, mesmo que seja Ele a primeira vítima disso! Diante da Cruz, apesar do desafio «*desce daí*», Ele aceita livremente o sofrimento. Expõe-se sem se impor. Toda a força do seu amor, se revela numa inclinação profunda do coração sobre a miséria humana, num perdão que não tem medida humana.

O que Deus tem afinal de «*todo-poderoso*», é um coração... que não pára nem se cansa nunca de nos amar! Está aí toda a sua força e toda a sua fraqueza...

**Homilia no III Domingo de Advento A 1995**

***«És tu Aquele que há de vir ou devemos esperar outro»?***Estranha pergunta faz o vidente e certo profeta do deserto: João Baptista! Afinal o arrojado mensageiro, tem dúvidas. O Messias parece desconcertá-lo. As expectativas que alimentara parecem desvanecer-se na sombria prisão onde se encontra. O juízo iminente que havia anunciado parece desmentido na injusta impiedade de Herodes. O que contam de Jesus não concorda em absoluto com as suas previsões. As obras de Jesus, a seus olhos, não passam de gestos impotentes, de sinais difusos. E João esperava mais determinação do Messias, que Ele fizesse uma limpeza geral, uma liquidação total... Mas a prometida machadada para eliminar a sociedade dos indolentes, parece reduzida a um apelo sereno. João Baptista esperava mais. E parece ter razões para se dececionar. Onde está afinal a justiça e o juízo de Deus? Que fizera Jesus para o libertar? João bem esperava outro Messias. Outro Deus. Outro Cristo. E, no seu desnorte, o homem dos caminhos rasgados, manda perguntar: «*És tu Aquele que há de vir ou devemos esperar outro»?*

E Jesus aproveita a pergunta para revelar a sua identidade. Deus não é o «carro vassoura» das desordens mundanas. Deus não é o implacável juiz da história que vem pôr tudo em pratos limpos. Deus não atua de cima para baixo, mas de dentro do Homem para fora do mundo. A sua vinda é uma presença solidária nos caminhos dos homens. Não é a arrazia da liberdade humana. A missão do Messias de Deus não comporta a ameaça e a condenação, mas a esperança e a libertação. Deus não é a «solução» dos problemas, mas a nossa inquietação para os assumir. Deus não se impõe pela força do poder mas age pelo poder da sua força, da sua presença, da sua companhia, da sua palavra, da sua inquietação.

Há que estar preparado para este desconcerto total! «*Feliz daquele que não encontrar em mim motivo de escândalo*», diz Jesus. Feliz daquele que não se deixa defraudar por Deus, mas que aceita o caminho doloroso de acolher um Deus impotente, que sacrifica o seu poder à nossa liberdade, que não nos força pela evidência dos milagres a acreditar n’Ele.

Neste tempo, em que as coisas não correm como queríamos, não raro «esperamos» de Deus que se revele com a violência da sua ira. Gostávamos que «viesse pôr ordem nisto». Que julgasse impiedosamente, que perdesse a paciência e se vingasse das nossas ousadias. E sentimo-nos escandalizados, porque Deus «não se mexe», porque não resolve, não se revolta.

Feliz, pois, daquele que tem os olhos abertos e os ouvidos desimpedidos para se deixar surpreender... Porque o nosso Deus é o Deus da paciência. Sem a medida do nosso tempo, nem a avidez da nossa pressa. Deixemo-nos guiar por Aquele que está no meio de nós a gemer no nosso sofrimento e a sustentar a nossa esperança. Dele só esperemos que fortaleça as nossas mãos abatidas e robusteça os joelhos vacilantes. Dele só esperemos que dê coragem aos nossos corações perturbados e lucidez para ver o invisível. Numa palavra, que nos dê paciência. E fortaleça os nossos corações. E é quanto basta. *Não precisamos de esperar outro*!...

**Homilia no III Domingo de Advento A 1992**

**1.** “*Reinarão o prazer e o contentamento e acabarão a dor e os gemidos*”!

Palavras magníficas, tão carregadas de beleza e poesia, estas do Profeta Isaías. A boa notícia do regresso do exílio faz o poeta associar a natureza à alegria dos que são redimidos e libertos da dura agonia. Deus não esqueceu nem esquece jamais o seu povo. Ele vem ao encontro das nossas mãos fatigadas e joelhos vacilantes com a sua força, com a sua energia, com a sua Vida. É isto a salvação! Os cegos vêem, os surdos ouvem, os coxos andam, os mudos falam!

Deus quer a Vida do homem! Uma vida em alegria! Uma vida feliz. Até aqueles que, à partida, não podiam regressar a casa, limitados pelas suas deficiências, voltam à Terra da Promessa, com cantos de alegria. É o próprio Deus que os toma pela mão e os encaminha para Ele. Uma eterna felicidade lhes ilumina o rosto, ao regressarem com brados de alegria. Que beleza, Deus quer-nos assim, com Ele, cheio de vida e ânimo! Que beleza Deus não gostar da tristeza e detestar rostos disfarçados de falsa piedade, com lágrimas no canto, a dizer que há tristeza e desencanto. Que beleza Deus querer que a salvação nos atinja dos pés à cabeça, e não apenas a um pedaço estranho da nossa alma. Deus quer-nos felizes. E a promessa que fez ao seu Povo encontrou pleno cumprimento em Jesus, o Messias.

**2.** “Ide contar a João o que estais a ouvir e ver”! Jesus, ao encontrar-se no meio dos homens, começou por trazer esta alegria e esta salvação, realizando sinais maravilhosos, que apontam para a Vida, vida plena e feliz, alegria e fortaleza.

À pergunta de João, que duvidara se Jesus era “Aquele que devia chegar”, Jesus remete os discípulos para que testemunhem o que os seus olhos veem e os seus ouvidos ouvem: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os mortos ressuscitam, é anunciada a Boa Nova”. É a promessa cumprida. Deus salvou-nos. Deus ama-nos. Deus liberta-nos. Mesmo que perdurem e existam cegos e coxos, mudos e surdos, em Jesus Cristo eles deixaram de ser olhados como pecadores e são acolhidos como filhos amados por Deus.

Deus ama-te! Esta é a nossa alegria! Deus está contigo! Esta é a nossa força! Deus é a razão da nossa alegria! Daí o apelo vibrante a sermos homens e mulheres, que sabem salvos, por isso felizes, alegres. Sempre alegres! De rosto iluminado pela alegria. Mesmo nas provações! Mesmo no desencanto! Alegres, porque o senhor nos salvou. Estamos salvos em Cristo. Esta é a nossa certeza. Esta é a nossa alegria!

**3.** Aprender a ser feliz!

Não me cai bem gente de missa diária com rosto pálido e de cabeça baixa. Não é testemunho de fé pessoas vergadas pelo peso das rezas, sem bom humor nem sorrisos para os outros. Aprendamos a ser felizes, a viver alegres, na certeza de que toda a felicidade e toda a alegria não são possíveis neste momento. Mas o senhor dá-nos já e agora, razões para a alegria. Sugeria-vos dez mandamentos para sermos felizes e alegres:

**1.** Descobrir o que de belo e bom há em nós e à nossa volta. Oxalá não esperemos por estarmos doentes, para descobrir a alegria de ter saúde!...

**2.** Assumir serenamente os nossos limites e defeitos. Somos assim. Pronto. Deus ama-nos assim. Não vale a pena enrolarmo-nos demasiado nos nossos sofrimentos e dores, nos nosso defeitos e manias. Deixar que o Senhor faça alguma coisa em nós!

**3.** Viver abertos ao próximo. Mais vale sermos nós enganados 4 ou 5 vezes do que estarmos sempre desconfiados dos outros! Há que aceitar a maneira de ser de cada um e achar graça por sermos tão diferentes.

**4.** Ter um ideal grande, pelo qual lutemos e demos a nossa Vida.

5. Acreditar descaradamente no Bem. Mais cedo ou mais tarde o Bem se imporá. Saber esperar como o lavrador pelo fruto, lançada que foi a semente. Calma e serenidade! Deus não dorme!

**6.** Procurar mais amar que ser amado! Se estamos à espera das recompensas é só desilusões. E só se desilude quem algum dia se iludiu!

**7.** Escolher, se for possível, um trabalho que nos agrade. Se não, procurar amar o trabalho que fazemos.

**8.** Não nos deixemos escravizar pelo dinheiro e pelo progresso. A arte e a beleza, a natureza e a amizade valem mais que tudo.

**9.** Descobrir que Deus é alegre e nos quer felizes. Um Deus que não seja Deus da Vida, não passa de um ódio!

**10.** Saber sorrir! Não custa nada! Muito ganha que o recebe!

Que o Deus da alegria nos dê um pouco de bom humor. Até a capacidade de nos rirmos de uma boa anedota, até de nós mesmos. Assim a alegria não andará ao sabor da nossa disposição. Será fruto da Vida de Deus em nós!

**HOMILIA NO III DOMINGO DE ADVENTO A 2013 (II) – Santa Eulália**

**1.** Que fizemos nós, dois mil e treze anos depois, do “*evangelho da alegria*”? Porquê, tanto pudor e parcimónia, com a alegria, se ela é parte essencial da vivência da fé e do anúncio cristão? Porque será mais fácil instalar-se, entre os cristãos, o luto e o lamento, o queixume e a angústia, o pessimismo e o derrotismo (cf. E.G. 85), a desculpa e a acusação, do que a alegria, a felicidade, o prazer e o contentamento? Porque chegamos a uma espécie de Igreja “viúva”, *em luto permanente*, sem a alegria irradiante da Esposa de Cristo? Como voltar a propor este “*evangelho da alegria*” a um mundo que “s*oube multiplicar as ocasiões de prazer, mas que tem dificuldade em engendrar a alegria*” (cit. Paulo VI, *Gaudete in Domino*, in Papa Francisco, E.G. 7)?

**2.** Para voltarmos ao “*evangelho da alegria*”, teremos de tomar a peito «*a alegria do evangelho*». Isso mesmo: «*A alegria do evangelho*». Estas são as primeiras palavras da recente exortação apostólica do Papa Francisco. O documento faz tremer a Igreja, como um terramoto, que abala as falsas seguranças, mas sobretudo, faz-nos estremecer de alegria (cf. Lc.10,21). O Papa, à cabeça, diz-nos isto assim, de rajada: “*A alegria do evangelho enche**o**coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce, sem cessar, a alegria*” (E.G.1). Neste espírito, o Papa convida-nos a todos para “*uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria*” (E.G.1)!

**3.** Obviamente, o Papa reconhece que “*a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes, muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece, pelo menos, como um feixe de luz, que nasce da certeza pessoal de que, não obstante o contrário, somos infinitamente amados*” (E.G.6) por Deus. Compreende, diz ele, “*as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades, que têm de suportar, mas aos poucos –* diz ele ainda *– é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias*” (E.G.6). Muitas vezes, sabeis, é a dor que escava em nós profundidades, que depois a alegria vai encher!

**4.** O testemunho dos mártires, como Santa Eulália, virgem e mártir (+ 304), é o de mostrar «*a alegria de evangelizar, mesmo quando é preciso semear com lágrimas*» (cf. EN 80; cit. E.G. 9;10), perseguições e o sacrifício da própria vida. Os mártires falam-nos de uma alegria, que só está completa em Cristo, e que, por isso mesmo, se espera, até que chegue o «*dia do Senhor*». É, portanto, uma alegria, que renasce sem cessar do encontro com Cristo (E.G.1), mas cuja plenitude nos está prometida, para o mundo novo que há de vir! Neste sentido, a alegria é filha da esperança! A mártir, torturada e queimada viva, pôde dizer, como João batista, a respeito de Cristo: “*Esta é a minha alegria e tornou-se completa*” (Jo.3,29).

**5.** Pois bem, neste domingo de festa, neste domingo da alegria, gostaria, por fim, de vos fazer uma pergunta, como uma espécie de “*trabalho para casa*”. “*Como se vive a alegria, lá em tua casa? Como se vive a alegria na tua família? Eu diria: A verdadeira alegria que se experimenta na família não é algo superficial, não vem das coisas, das circunstâncias favoráveis... A alegria verdadeira vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos sentem no coração, e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos uns aos outros no caminho da vida. Mas, na base deste sentimento de alegria profunda está a presença de Deus, na família, está o seu amor acolhedor, misericordioso, cheio de respeito por todos. E, acima de tudo, um amor paciente: a paciência é uma virtude de Deus e ensina-nos, na família, a ter este amor paciente, uns para com os outros. Só Deus sabe criar a harmonia a partir das diferenças. Se falta o amor de Deus, a família também perde a harmonia, prevalecem os individualismos, apaga-se a alegria. Pelo contrário, a família que vive a alegria da fé, comunica-a espontaneamente, é sal da terra e luz do mundo, é fermento para toda a sociedade*” ***(Papa Francisco, Homilia, 27-10-2013)***.

Queridas famílias, vivei sempre a alegria do evangelho, para anunciardes, a partir da vossa vida, o evangelho da alegria! E a alegria e a paz encherão de luz a vossa casa, como um farol, cada vez mais iluminado e iluminador!

**HOMILIA NO III DOMINGO DE ADVENTO A 2010** (Santa Eulália)

“Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria, o Senhor está perto!”

(Antífona de entrada – cf. Fil.4,4-5)

**1.** Não soa estranho, nem a “ouvidos de mercador”, este convite à alegria, numa sociedade que parece tão apostada em promover a nossa «felicidade»! Alias, a «felicidade» tornou-se, hoje, numa espécie de stress, uma obrigação continuamente confirmada pela publicidade, num mundo em que o optimismo serve, sobretudo, para induzir ao consumo! Veja-se como um outdoor, de certa superfície comercial (IKEA – MAR SHOPPING), nos seduz com esta fórmula da felicidade: «Natal a mais, nunca é de mais»! Cria-se assim um desejo insaciável de felicidade, a ponto de levar a pessoa a não se contentar jamais com o que tem! Tenta-se mesmo fazer crer que a felicidade se pode atingir a baixo preço e por breve tempo! Só que depois vemo-la fugir-nos das mãos a troco de nada, sendo necessário reconquistá-la desde o início! E - todos o sabemos - quanta tristeza profunda está por trás de uma alegria superficial e falsa, artificial e passageira! A nossa alegria não será autêntica, até que deixe de apoiar-se em coisas, que a qualquer momento, nos podem ser arrebatadas e destruídas!

**2.** O que ressoa, com maior estranheza, aos nossos ouvidos, nas palavras que escutámos, não é, portanto, o desafio da alegria! O que é radicalmente nova é a relação indissociável entre Deus e a alegria! Nas palavras do profeta Isaías e do Apóstolo Paulo, a alegria cresce à medida que Deus aparece! Deus, que nos ama e chama a si, é a fonte primordial, a causa primeira, a verdadeira razão do ser e do acontecer de uma alegria maior, que se guarda e resguarda no nosso coração: «Exultai de alegria: o Senhor está perto»! A verdadeira alegria está, portanto, no Senhor, e fora dEle não pode haver nenhuma!

**3.** Isto sim, é que é novo, num tempo, como o nosso, que se atreveu a promover uma campanha ateia, de modo a publicitar, em autocarros, esta frase: “Provavelmente Deus não existe: deixa de angustiar-te e goza a vida». Trata-se aqui de um velho preconceito, segundo o qual a alegria e a fé em Deus não podem existir ao mesmo tempo. Ou uma, ou outra! Ora, a alegria é uma palavra-chave do léxico cristão. Da alegria inicial da Criação, até chegar à alegria, sem sombras, do Apocalipse, toda a Escritura nos diz que Deus é a alegria infinita! É próprio de Deus dar alegria. Deus é o multiplicador da alegria e o cristão é o homem da alegria multiplicada! E, no entanto, aqui está a razão mais invocada para abandonar a Igreja, suspeita de se tornar inimiga da alegria, uma instituição perita em “desmancha-prazeres”!

**4.** “Este é um sinal dos tempos que deve constituir, para nós cristãos, um desafio urgente: Mostrar e viver que a infinitude (a alegria, a felicidade) de que o homem precisa só pode vir de Deus. Temos de mostrar que é de Deus, que precisamos em primeiro lugar, para poderemos resistir às dificuldades deste tempo” (cf. Bento XVI, Luz do mundo, 68) e encontrarmos a alegria maior! Nós os cristãos, sabemos que Deus é alegria infinita, goza da criação, faz festa no céu, quando um só pecador se arrepende! Por isso, nós sabemos, sentimos e dizemos, que a verdadeira alegria nunca chegará, se não for recebida por participação na alegria de Deus, se não for Cristo a oferecê-la! E ainda assim, não é uma alegria espetacular ou mirabolante, de sucesso em sucesso, como esperava João Baptista. É uma alegria interior, que se manifesta em sinais simples de bondade e misericórdia. E não devemos esperar outra! Aliás, fora da alegria, não temos outro modo de testemunhar autenticamente a nossa fé. Por isso, quem não aprendeu a estar contente na terra, não poderá sequer chegar ao céu! No reino dos céus, a alegria é a nossa verdadeira ocupação!

**5.** Queridos irmãos e irmãs: Neste contexto de crise global, talvez nos interroguemos, por último, sobre que alegria podemos ainda esperar e como verdadeiramente a encontrar?! Permito-me deixar-vos, algumas sugestões, para um caminho simples da alegria:

**1º** Busca sempre o rosto desse Deus, que te procura, ama e chama! E encontrando-O, conhecerás a alegria! O máximo da alegria é saberes que tens um Pai que é Deus e um Deus que é Pai! A grande alegria vem do facto de existir o grande amor de Deus por ti: Tu és alguém que é indefetivelmente amado. Deves estar contente com Deus! Deus é a tua alegria! E tu és a alegria do teu Deus!

**2º** Procura gozar a alegria das pequeninas coisas, porque toda a alegria, pequena ou grande, vem sempre de Deus e volta para Ele. Não esperes, pois, pela alegria dos números, dos bons resultados, mas acolhe e escolhe uma alegria praticamente invisível, modesta e humilde, não barulhenta, nem invasora! Doutro modo, tornar-te-ás um cristão, um triste cristão, um «analfabeto da alegria! Sê feliz, e já!

**3º** Procura a alegria do dever cumprido, a alegria do bem feito! E ama o que fazes! Mesmo se te custa tanto fazer bem o bem, que é preciso fazeres! Como é belo fazeres o bem, sem uma razão especial, mas simplesmente porque o bem é uma recompensa para o próprio bem e porque é maravilhoso fazê-lo!

**4º** Vive a alegria do serviço! E deste modo, torna-te servidor da alegria! Sede felizes, por servirdes o Deus da alegria, por servirdes a Deus na alegria, e por servirdes a alegria dos vossos irmãos, levando-lhes Deus, e levando-os para Deus! Se não experimentas a alegria de servires o bem de Deus, a bem dos outros, não poderás ser feliz!

**5º** «Semeia com lágrimas, para recolheres em alegria» (Sal.126,5)! Dessa alegria, nos deu testemunho Santa Eulália, martirizada no ano 304, por ordem do imperador Maximiano. É a alegria evangélica de quem sofre provações e é ultrajado por causa do nome de Jesus (Act.5,41). Estranha via da alegria, cujas raízes mergulham na misteriosa alegria de Jesus na cruz, o Cordeiro inocente! Pode verificar-se esta alegria, na serenidade de ânimo da mártir, injustamente atacada e caluniada, que decidiu não se defender, na certeza de que a verdade é mais forte do que as calúnias, e por isso deixa tudo nas mãos do seu Senhor! Conhecemos o testemunho de muitos mártires, que puderam dizer, no meio das torturas e sofrimentos: «pela graça de Deus, sinto-me alegre e contente, porque não estou só, mas Cristo está comigo» (*Spe Salvi*, 37). De facto, o ponto mais alto da alegria é estar com Cristo, na cruz. A cruz, a dor vivida por amor, é a prova de garantia da verdadeira alegria, que não é uma coisa tola, nem um dom natural! Santa Eulália chegou mesmo a dizer, na hora do seu martírio: ”Deita sal no meu corpo para que não me apresente insossa ao meu Esposo celestial”.

Na verdade, irmãos caríssimos, a alegria é «o sal da vida cristã» (Amedeo Cencini)! Aliás, fora da alegria, não temos outro modo de testemunhar autenticamente a nossa fé. Por isso, quem não aprendeu a estar contente na terra, não poderá sequer chegar ao céu! No reino dos céus a alegria é a nossa verdadeira ocupação!

**Homilia na Festa em honra de Santa Eulália 2007**

III Domingo de Advento A

**1.** Neste III Domingo de Advento, a Liturgia coloca-nos diante da figura masculina e austera de João Baptista, que veio ao mundo, “para dar testemunho da Luz” de Cristo. E nós queremos colocar hoje, a seu lado, outro testemunho, este mais terno e feminino: a vida da nossa padroeira, Santa Eulália. Ambos, João Baptista e Eulália, foram presos, pelos “poderosos representantes do poder romano” do seu tempo: João Baptista por Herodes, no tempo de Jesus; Santa Eulália, pelo Imperador Dioclesiano, no séc. IV; ambos foram mártires, por amor à verdade, que é Cristo. Vamos procurar acompanhar o percurso da fé e da esperança de ambos, que passa necessariamente por momentos de escuridão.

**2.** Comecemos por João Baptista. E falemos mais do seu martírio “psicológico”. De facto, a escuridão da prisão onde se encontrava não foi a escuridão mais terrível que teve de suportar. E perder depois a cabeça, não foi o mais difícil. As verdadeiras trevas foram aquilo a que podíamos chamar, uma certa "escuridão de Deus", isto é, a incerteza que o perturbou, sobre a sua missão e sobre a de Jesus. Este Jesus, tão diferente, foi, certamente, nas longas noites de cativeiro de João Baptista, o maior dos tormentos. A continuação das trevas de Deus.

Vede bem o contraste entre as “certezas e ameaças de João Baptista no passado domingo e as “dúvidas” do mesmo João Baptista, referidas hoje pelo Evangelho.

Se vos lembrais, ainda do domingo passado:

João Baptista:

**a)** Tinha descrito o Messias como juiz que tinha nas mãos a pá de joeirar, para separar o joio do trigo, e atirar o joio ao fogo eterno.

**b)** Tinha descrito o Messias, como aquele que havia de condenar esta geração adúltera e, se necessário, fazer das pedras filhos de Abraão, para os colocar no lugar dos infiéis, que se denominavam filhos de Abraão;

**c)** Tinha apresentado o Messias, como Aquele que tinha o machado na raiz da humanidade, para cortar a árvore. Mas entretanto chegou Aquele a quem, em nome de Deus, ele anunciava: "Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". A presença de Deus começava a manifestar-se ao mundo... Mas como era diferente daquilo que João tinha imaginado:

Não veio nenhum fogo do céu para castigar os pecadores e reconhecer definitivamente os justos, e nada mudou no mundo. Continuou a ambiguidade.

A vida humana continuou a ser o mistério sombrio, que o homem tem de enfrentar no meio das trevas do mundo, com fé e esperança.

Foi neste sofrimento que mandou emissários ao Senhor: "És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?" Uma pergunta que, no meio das perseguições e sofrimentos, tantas vezes somos tentados a fazer: És ou não a salvação do mundo? Já chegaste? Era isto realmente tudo, o que Deus nos tinha para dizer?

A resposta de Jesus remete para o profeta Isaías, que tinha profetizado este Messias misericordioso, "que não grita nem faz barulho nos caminhos", que aparece fazendo o bem e pregando, acrescentando uma palavra importante: "Feliz aquele que não encontra em mim ocasião de escândalo". Isso que significa?

Significa que a fé não é uma luz, que nos dê uma clareza fora de dúvidas, que nos resolve todos os enigmas. Ao contrário, podemo-nos escandalizar. Mas, bem-aventurado o que não se escandaliza. Bem-aventurado o que não exige sinais, nem certezas absolutas. Bem-aventurado o que segue pelo seu caminho de trevas, com fé e amor.

Esta foi certamente a última missão pedida ao Baptista na sua prisão: que fosse feliz na aceitação sem reticências da sombria vontade de Deus. Em conclusão, mesmo na prisão, João viveu um processo de conversão, para poder reconhecer a Deus, na escuridão dos acontecimentos da vida. Foi um sofrimento mais psicológico terrível, que só pode suportar, pela esperança, que lhe vinha da fé.

**3.** Experiência algo semelhante deve ter passado, Santa Eulália, ao ser perseguida, aos 14 anos, por parte do terrível Diocleciano. Ela que tão inocentemente amava a Deus, como podia compreender a maldade dos poderosos e as perseguições aos cristãos. Como não ficaria desapontada pelo «silêncio de Deus» perante o ataque aos seus amigos?! Mesmo assim ela resiste na esperança que lhe vem da fé. Eulália soube dos factos e desejou alegremente o martírio, para assim glorificar e estar com o Cristo. Os pais religiosos resolveram viajar, a fim de esconderem-se, juntamente com a menina, mas ela fugiu e foi parar diante do governador, que escutou daquela jovem e bela moça, duras verdades quanto à ignorância da perseguição aos cristãos. De início o governador, admirado pela ousadia da Santa, entregou-a para que apostasse da fé, ou seja, que adorasse aos deuses, mas sua resposta foi: "Eu sou Eulália, serva do meu Senhor Jesus Cristo, o Rei dos Reis e Senhor de todos os dominadores." Diante da fé e coragem da jovem Eulália, o governador mandou os algozes queimarem o seu corpo com ferros em brasa, e sua oração durante o sofrimento foi esta: "Agora, ó Jesus, vejo no meu corpo os traços de vossa sagrada paixão." Esta «capacidade de aceitar o sofrimento por amor do bem, da verdade e da justiça é sinal de uma enorme grandeza de humanidade, porque se, em definitiva, o meu bem-estar, a minha incomodidade, é mais importante do que a verdade e a justiça, então vigora o domínio do mais forte; então reinam a violência e a mentira. A verdade e a justiça devem estar acima da minha comodidade e incomodidade física, senão a minha própria vida torna-se uma mentira» (*Spe Salvi*, 38)

**4.** Olhai, por aqui se vê, que esta mulher tinha de estar animada por uma grande esperança, para responder assim. Como nos diz Bento XVI na sua Encíclica sobre a esperança, «a certeza da verdadeira grande esperança torna-se necessária nas provações verdadeiramente graves, quando temos de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança» (*Spe Salvi*, 39). “Para isto, precisamos também de testemunhas, de mártires, que se entregaram totalmente, para que nos manifestem essa esperança, dia após dia. Temos necessidade deles para preferirmos, mesmo nas pequenas alternativas do dia-a-dia, o bem à comodidade, sabendo que precisamente assim vivemos a vida de verdade” (*Spe Salvi*, 39).

**5.** De facto, «a capacidade de sofrer por amor da verdade é a medida de humanidade». E continua o Papa: “No entanto, esta capacidade de sofrer depende do género e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual construímos. Os santos puderam percorrer o grande caminho da fé, como Cristo o percorreu antes de nós, porque estavam repletos da grande esperança” (*Spe Salvi*, 39).

Caros irmãos. Já vos tínhamos apresentado, Maria, como Estrela de Esperança, neste tempo de Advento. Fiquemos então com estas duas figuras, de São João Baptista e de Santa Eulália, que nos servem de “verdadeiras estrelas da nossa vida”, uma vez que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por excelência. Mas, para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. Que Santa Eulália nos dê a grande esperança, para superar com paciência e fortaleza, as dificuldades da vida e para louvar a Deus em todas as circunstâncias da nossa vida!

1. João Paulo II, *Atravessar o limiar da esperança*, 61. [↑](#footnote-ref-1)